

ENTRE BRUXELINS E FADAPLINS

A SEMENTINHA AUTOESTIMA



Título
Entre Bruxelins e Fadaplins
A Sementinha Autoestima

Texto
© Lurdes Andrade
www.lurdesandrade.com

Ilustrações
© Yuliana Makhroyani

Coordenação da Edição
© Alfarroba

Design
Alfarroba

Impressão e Acabamento
Diário do Minho

ISBN
978-989-9068-10-0

Depósito Legal
483 819/21

Data da Edição
Maio 2021

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º
2890-028 Alcochete
telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

E se existisse uma sementinha superpoderosa dentro de cada um de nós e que, entre *bruxelins* e *fadaplins*, tenta fazer o seu melhor?

Pois é! Nem eu sabia que uma simples sementinha podia tornar-se o meu pequeno tesouro escondido, tão escondido que só o descobri tinha eu oito anos!

Curiosos? Vou começar pelo início, pois foi por aí que tudo começou.

Quando eu era pequerrucho e adorável, o mundo rodopiava em meu redor. Eu era uma espécie de pedra preciosa lá de casa.

Mimalhices eram aos milhõeeees. Eu nem podia soltar uma lágrima da pestana ou um pequeno soluçar, que a mamã, com o seu instinto apurado, reconhecia cada choramingadela e descobria todas as minhas necessidades. Era uma espécie de jogo da adivinha, em que as mamãs ganham sempre!

Tudo o que eu fazia tinha *perlimpim!*

O colinho do meu papá era como o algodão-doce: fofinho e colorido! E a minha mamã fazia aquela vozinha de chocolate derretido, sempre que cantarolava canções de embalar para eu fazer oó.

E agora vocês perguntam, mas quando é que entra a tal sementinha superpoderosa?

Lamento desapontar-vos! Mas a minha historieta é daquelas do tempo dos nossos avozinhos, uma looonngggga história! Mas não se preocupem, mais tarde ou mais cedo, a história vai chegar ao fim.



Enquanto a minha supersementinha brincava ao esconde-esconde, sem eu dar conta, o meu maior *pesadeco* acontecia: o meu papá teve de levantar asinhas para um país *distantesco*, à procura de papinhas para encher a minha barriga roliça. Com o meu papá, voou metade do meu coração e a outra metade ficou a tomar conta da mamã.

Como eu tinha uma cabeça cheia de luzinhas pisca-pisca sempre acesas, comecei a fazer as minhas primeiras descobertas. Trepei cadeiras e escondi-me nas gavetas.

Foi por estas e por outras que comecei a dizer a minha primeira palavra, que não sei por que razão, foi a palavra «**NÃO**».

Quanto mais descobria e me aventurava, mais «**NÃO**» eu ouvia.

Essa palavra devia ser mesmo muito importante para a minha mamã, pois ela repetia-a vezes sem conta.

– António, **NÃO** mexas nas gavetas! António, **NÃO** vás para aí! António, **NÃO** te aviso outra vez!

Rapidamente, aprendi a dizê-la a toda a hora. Mas fiquei com a sensação de que a minha mamã não gostava muito quando era eu a usar a palavra «**NÃO**».

Será que essa palavra só podia ser dita pelas mamãs?

